

O Solar do Campo de Sant'Ana

EDMUNDO ABBASTO BORGES DE OLIVEIRA

Representante do Campo de
da Faculdade de Direito da UFRJ

Trago, com júbilo, para a significação imortal desta solenidade, o calor do entusiasmo, os rebentos de fé, a reverência e emoção de todos os estudantes de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O maior fascínio reside no conagraamento que o momento histórico reservou para os nossos tempos. Nas comemorações dos 150 anos do Senado, os atuais Senadores da República, merecedores de todas as ufânias e homenagens, numa demonstração de espírito altivo e fidelidade aos valores tradicionais da política do Brasil, vêm

ao Rio de Janeiro para contemplar a memória de seus antepassados, a morada de seus predecessores, o único estigma vivo simbolizando as gerações de outrora, o berço precioso da mais alta Casa do Poder Legislativo.

Este antigo prédio teve a primazia de se transformar em rico monumento e patrimônio cívico da nacionalidade.

De princípio, foi uma chácara colonial pertencente ao senhor Anacleto Elias da Fonseca. Depois, passou a ser residência do conhecido homem público D. Marcos de Noronha e Brito, o VIII Conde dos Arcos. Posteriormente, por decisão de D. Pedro I, foi elevado à categoria de Casa dos Senadores, Senado no Império, Senado nos primeiros tempos da República, e hoje Faculdade de Direito.

As comemorações do Sesquicentenário do Senado, nesta instituição, entoam uma festa de extrema ressonância, diante da manifestação das inteligências e realizações dos Senadores do presente, que sabem enobrecer a dádiva valiosa das virtudes passadas.

Hoje, contemplamos as fases de uma existência envolta de acontecimentos decisivos para a expansão e soberania nacional.

Com o Sistema Constitucional instituído em 1824, nascia o Senado. No dia 6 de maio de 1826, nesta Casa, os primeiros Senadores do Brasil, sob a Presidência de José Egídio Álvares Pinto de Almeida — o Marquês de Santo Amaro —, davam início às jornadas de sessões memoráveis, em trajetória de inconfundível contribuição intelectual, e devotamento às causas do País.

Desde o seu nascimento até 1925, o Senado aqui ficou, quando então saiu para ter como agasalho o já saudoso Palácio MONROE, recém-destruído, onde permaneceu até abril de 1960, entregando a Brasília o privilégio de receber o Legislativo, como o primeiro Poder a se estabelecer e funcionar efetivamente na nova Capital Federal.

É um registro consagrador! Noventa e nove dos cento e cinquenta anos de atuação, o Senado neste Palácio se abrigou. Próximo, bem próximo, de um século de vida.

Muitos episódios, nesta Casa, tornaram-se indelévels pelo caráter dimensional. Entre tantos fatos dignos de retemperantes recordações, vale lembrar a eleição, em 1831, da Regência Provisória, com a abdicação de D. Pedro I; a eleição da Regência Una em 1835; o juramento solene de D. Pedro II em 1840, e o da Princesa Isabel, que aqui também jurou a Constituição, na qualidade de herdeira do trono do Brasil.

"O Velho Senado"! Assim o chamou Machado de Assis, lembrando os tempos de 1860, quando entrara para a imprensa. Neste recinto, sendo redator do *Diário*

do Rio, o romancista fez sua estréia como jornalista político. Machado de Assis, nesta Casa, viveu como homem de Imprensa e teve a felicidade de contar com o apreço de colegas mais experientes. Tem-se o exemplo de Bernardo de Guimarães, que, além do afeto profissional, com ele partia irmanamente o pão da intimidade.

O célebre escritor de *Dom Casmurro* deixou para sempre visões do Senado de ontem, desde o pitoresco do tempo, às expressões de minúcias fundamentais na reminiscência de coisas passadas.

Em todos os seus avanços, o Brasil levará a lembrança de notáveis homens públicos que, da tribuna instalada nesta morada, pontificaram singularíssimos pronunciamentos dignificadores da expectativa e confiança de nossa gente.

Bernardo Pereira de Vasconcelos, Evaristo da Veiga, Zacharias de Góes, José Maria da Silva Paranhos, Epitácio Pessoa, Floriano Peixoto, Lauro Sodré, Tavares de Lyra, Rui Barbosa, e outros, que, além da lealdade no cumprimento de seus designios, sabiam cultivar o amor e a solidariedade nas atividades do dia-a-dia.

Na verdade, como bem asseverou Machado de Assis, eles "tinham um ar de família que se dispersava durante a estação calmosa, para ir às águas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, anos e anos. Alguns não tornavam mais, e outros novos apareciam; mas também nas famílias se morre e nasce. Dissentiam sempre, mas é próprio das famílias numerosas brigarem, fazerem as pazes, e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade".

Um dia, esses homens tiveram de partir para não mais voltar. Em 1925, o Solar do Conde dos Arcos recebia o reverente adeus das memórias para sempre queridas. Já não mais se ia ouvir o encanto das vozes, e as galerias não tinham mais porque ficar apinhadas de espectadores.

Na bela imaginação de Machado de Assis, "desapareceu tudo, coisas e pessoas como sucede às visões. Pareceu vê-los enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, calções pretos e sapatos de fivela. Este era nada menos que o próprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembléia-geral. Alguém ainda quis obstar à ação do porteiro, mas tinha o gesto tão cansado e vagaroso que não alcançou nada; aquele deu volta à chave, envolveu-se na capa, saiu por uma das janelas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemitério, provavelmente. Se valesse a pena saber o nome do cemitério, iria eu catá-lo, mas não vale; todos os cemitérios se parecem".

Mas a obstinação do velho Solar não podia ceder às ameaças de possível demolição. O Senado fora para as dependências do MONROE e ficava o Casarão do Campo de Sant'Ana com o sossego de quem sabe esperar humildemente o reconhecimento de sua importância.

E assim, como se fosse a expressão de um mandamento divino, eis que a imagem de outro porteiro eclodiu para definir os rumos de uma existência.

O Solar estava a sua espera. Com a chave na mão, o porteiro parecia hesitante e curioso, mas, isto é freqüente nos caminhos que conduzem ao exercício das primeiras experiências. Deu volta à chave, abriu a porta devagar e entrou. Seu olhar tenso e passos trôpegos buscavam tudo derredor. Percorreu os recantos escuros, ganhou as escadas e penetrou numa sala suntuosa de grande extensão. Atraído pelo realce que transparecia da cadeira de espaldar mais alto, aproximou-se dela e sentou-se. Perdeu-se divagando diante de tanta riqueza. Cansado, adormeceu com o silêncio das cadeiras e galerias vazias.

O porteiro esvaiu-se em sono profundo, até que o susto de pequenos ruídos despertou-o novamente para a sua realidade. Aguçou os ouvidos e percebeu vozes, algumas vozes, e a estas somavam-se outras. Ao se levantar, viu que o seu corpo tinha sido objeto de transformação pelo tempo. Com passos vagarosos, no sentido do eco produzido pelas vozes, descendo com dificuldade os degraus da escada, quase cego, forçou os olhos, e conseguiu divisar uma pequena multidão. Neste instante, pôde compreender que o destino lhe fora fiel, compensando com um belo episódio o preço do seu empenho. Não iria mais ficar sozinho. O velho porteiro teve a glória de presenciar a chegada de uma nova família, a família de professores e alunos da Faculdade Nacional de Direito.

De geração a geração, esta Faculdade, com a consciência do dever e devoção de seus filhos, mantém altivo o respeito às tradições de cultura e honradez do seu abrigo.

Os ensinamentos dos mestres, semeados no ardor do idealismo dos discípulos, têm sido o estandarte da significativa contribuição, que este curso de Direito, através dos anos, vem destinando ao aprimoramento das letras jurídicas do Brasil, construindo o futuro de jovens que têm o pensamento e ação voltados para o alto, porque sabem que estão vivendo numa das épocas mais importantes da evolução dos séculos, como herdeiros das conquistas em prol dos direitos humanos.

Senhores Senadores:

Este organismo vivo que hoje constitui a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sente-se reconhecido pelo gesto de Vossas Excelências, que escolhestes o berço do próprio Senado para solenizar o seu Sesquicentenário.

Recebi nossa gratidão, na oportunidade em que o Senado e esta Faculdade participam das mesmas evocações históricas, num só universo de aspirações afins.

Conservai, em vossos sentimentos, a certeza de que, na Casa do Senado de outrora, os estudantes de Direito encontram sempre renovada razão para proclamar o respeito pela justiça, a veneração pelo Direito, o amor pela cultura.